

## UMA NOVENA DE SAQUES (2013-2019)

### RESUMO

*Uma Novena de Saques* é um experimento poético em dicção tragicômica que ecoa a miséria ancestral do Estado do Brasil. A série conecta as barracas coloniais aos barracos contemporâneos. Com uma das mãos, atualizo a ruína pretérita; com a outra, anacronizo a doença atual. São nove saques de textos oratórios dos séculos XVI, XVII e XVIII, todos sob os auspícios do Rei, da Fé e da Lei.

**Palavras-chave:** Verso livre; Letras no Brasil Colônia; Poesia no Brasil Contemporâneo.

## UMA NOVENA DE SAQUES (2013-2019)

### ABSTRACT

*Uma Novena de Saques* is a poetic experiment in tragicomic language reverberating the ancestral poverty of the State of Brazil. This set connects colonial huts to contemporary shacks. On the one hand, I update the past ruin; on the other, I make the current disease something anachronistic. Nine plunders from sixteenth, seventeenth, and eighteenth-century oratory texts, all under the protection of the King, the Faith, and the Law.

**Keywords:** Free verse; Letters in colonial Brazil; Poetry in contemporary Brazil.

## UMA NOVENA DE SAQUES (2013-2019)

### RESUMEN

*Uma Novena de Saques* es un experimento poético en dicción tragicómica que se hace eco de la miseria ancestral del Estado de Brasil. El conjunto une chozas coloniales con barracas contemporáneas. Por un lado, actualizo la ruina pasada; por otro lado, hago anacrónica la enfermedad actual. Hay nueve saqueos de textos de oratoria de los siglos XVI, XVII y XVIII, todos bajo el patrocinio del Rey, la Fe y la Ley.

**Palabras clave:** Verso libre; Letras en el Brasil colonial; Poesía en el Brasil contemporáneo.

Desde 2013, venho trabalhando a cultura letrada do Brasil Colônia em disciplinas de graduação. Mergulhado nessa prosa, jamais resisti a apalpar suas curvas oratórias. Entoar passagens, dizer frases, degustar palavras. Fui localizando o desenho dos cursos oratórios em cartas, crônicas, diálogos, sermões, narrativas históricas ou tratados. Rios melódicos em meio àquela vasta geografia que um dia persuadiu, educou e deleitou auditórios. Padrões prosódicos separados, o impresso solicitava voz. Oswald de Andrade mordera bons nacos de piada lírica nesse Pão de Açúcar. Era o *Pau-Brasil* (1925) se rindo. Cassiano Ricardo aí garimpara seu bandeirantismo épico. Era o *Martim Cererê* (1928) encarecendo o Convênio de Taubaté (1906). Antônio Cândido aí dramatizara uma literatura de informação, a boa-nova do espírito nacional. Era a *Formação da Literatura Brasileira* (1959) pulando o que fosse o sistema das letras luso-brasileiras sob Portugal e Espanha. Três escritores que levaram adiante, cada qual a seu estilo, a missão de Gonçalves de Magalhães, isto é, a de “restaurar as ruínas, e reparar os erros dos passados séculos” (Magalhães, 1836, p. 144). A ocupação europeia anterior a 1822 se ofereceu, de fato, como solo fértil às muitas variantes do nacionalismo romântico, capaz de naturalizar tudo que o precedeu como se o antecipasse ideologicamente.

Colecionando vozes desse material, como enlouquecido por fantasmas, comecei a costurar em unidades os saques que ia cometendo. Indicados após o título de cada poema, nove bancos de dados católicos, por assim dizer, foram pilhados: três do século XVI, quatro do XVII e dois do XVIII. Manejei os versos livres como compassos para turnos da fala artificialmente ritmada. Não resolvi o experimento pelo cômico, heroico ou pitoresco historiográfico. Evitei a *poética da sacada*, essa moda que se acha de efeito até quando se perde em defeito (Marques, 2014). Busquei a dicção tragicômica que ecoasse as misérias e destroços ancestrais do Estado da Coisa Brasil. Um passo duplo para conectar os buracos coloniais aos barracos pós-modernos; uma perna atualiza a ruína pretérita, a outra anacroniza a doença atual. A lama que afoga crianças, ontem e hoje, como único artefato *made in Brazil*. Saqueei essa

prosa como quem toma o tesouro da terra colonizada, imperializada.

Uma desforra esquizofrênica tocada com pedal *distortion* no último volume. Preferi as ocorrências inverossímeis rumo à perdição do tecido social e, portanto, também feri a arte de narrar da época, que, articulada à “política e teologia” do Império Português e da Igreja Católica, mostra, “de modo verossímil, a verdade luso-cristã escatologicamente inscrita no tempo” que marcha, ao contrário, para a salvação (Lachat, 2019, p. 83). Os enunciados assaltados aos originais foram, nesse sentido, completamente batizados e sampleados: a prosódia passada trocando a presente; o léxico em estado de choque; a sintaxe de lá dissonando aqui; a semântica de outrora interferindo agora; os estilos se engalfinhado como polícia e ladrão. Essa empresa sem lenço verde e amarelo nem documento catequizado, ainda que mal gerida e fadada à falência, investiu em destilar da sociedade ruim a poesia melhor. Não se trata de reparar o passado, mas de desconcertar o presente organizacional.

Uma vingança pela arte, perseguida sempre que revela: Luciano Berio (*Visage*, 1961); Helvécio Ratton (*Em nome da razão*, 1979); Pedro Casaldáliga, Pedro Tierra, Martin Coplas e Cláudia Andujar (*Missa da terra sem males*, 1980); Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra (*Missa dos quilombos*, 1982); Sepultura (*Schizophrenia*, 1987); Pena Branca e Xavantinho (*Cio da terra*, 1987); Ratos de Porão (*Brasil*, 1989); Anima (*Espiral do tempo*, 1997); Racionais MCs (*Sobrevivendo no inferno*, 1997); Cordel do Fogo Encantado (*O Palhaço do circo sem futuro*, 2002); Glauco Mattoso (*Poesia digesta*, 2004); Milton Torres (*No Fim as terras*, 2004); Marco Catalão (*O Cânone acidental*, 2009); Pedro Marques (*Clusters*, 2010); Josely Vianna Baptista (*Roça barroca*, 2011); Érico Nogueira (*Poesia bovina*, 2014); Paulo Ito (*Última ceia*, 2014); Baco Exu do Blues (*Bluesman*, 2018). Verbo, som e imagem empilhando as eras da pobreza que nos cerca e alimenta. A perene sensação de farsa nacionalista, lei da injustiça, trabalho escravo, filho faminto, mãe sem terra, fé com juros. Ogivas de um tempo místico sobrepondo horrores, mercando dores.

Uma vindita pela ciência, abandonada sempre que explica: Edward Sapir (*Os Fundamentos musicais do verso*, 1921); Mário de Andrade (*As Danças dramáticas do Brasil*, 1934-1944); Murray Schafer (*Quando as palavras cantam*, 1986); João Adolfo Hansen (*A Sátira e o engenho*, 1988); Gladis Massini-Cagliari e Luiz Carlos Cagliari (*De Sons de poetas*, 1998); Luiz Tatit (*O Cancionista*, 1996); Joaquim Brasil Fontes (*As Obrigatórias metáforas*, 1999); Alcir Pécora (*Máquina de gêneros*, 2001); Paulo Franchetti (*História literária: um gênero em crise*, 2002); Maria do Socorro Fernandes Carvalho (*Poesia de agudeza em Portugal*, 2007); Álvaro Antônio Caretta (*Estudo dialógico-discursivo da canção brasileira*, 2013); Roberto Acízelo de Souza (*História da literatura*, 2014). Eles perguntaram antes de responder, até quando erraram e desesperaram. Eles me deram alguma régua para medir e ligar misérias, algum compasso para entoar as letras, nenhuma ilusão para bailar.

Por fim, as peças “Corpo Místico” e “Engenho” foram publicadas na revista *eLyra* (2017), de Portugal. “Anal à Inglesa”, junto às outras duas, apareceu no site *Escamandro* (2018), do Brasil. Apenas agora, em 2019, *Uma Novena de Saques* vai completa e revisada, para o desespero de olhos, orelhas e bocas. Que você dance neste labirinto, leitor-ouvinte-locutor!

#### COVAS ANDANTES

**Pero Lopes de Sousa (1497-1539), “Quinta-feira 26 de dezembro”, *Diário da navegação* (1531)**

Os sinais do temporal cresciam e no receio  
cheguei à terra,  
este dia não comemos senão ervas cozidas  
Buscando por lenha, demos num campo,  
paus plantados e redes em cerco faziam  
armadilha pra veados  
Depois vi, eram covas, sepulturas cobertas de  
peles  
e zagaias e maçãs de pau tostado e redes de  
pesca e caça

Quis mandar abrir as covas, juntas, mais de  
trinta,  
escondessem o louro metal, houve medo que  
acudisse gente da terra  
Não achando outra lenha mandei tirar os paus  
das sepulturas  
para fazer de comer dois veados que homem  
não havia que se tivesse em pé  
Os da terra são nervudos e grandes, feios de  
rosto, cabelo comprido,  
alguns furam o nariz e no buraco luzem  
pedaços de cobre,  
cobertos com peles, dormem nos campos  
onde anoitece  
Trazem um pelouro de pedra do tamanho  
dum falcão,  
sai dele um cordel e no cabo uma borla de  
penas de ema  
e atiram com ele como funda e trazem zagaias  
e porras de pau  
Não comem senão carne e pescado, são mui  
tristes, o mais do tempo choram,  
quando morre algum, cortam dos dedos por  
cada parente uma junta,  
vi velhos que não tinham senão um polegar  
Quando nos vêm não trazem mulher, nem vi  
mais que uma velha  
e como chegou deu de braços e nunca  
levantou o rosto  
Com nenhuma coisa nossa folgamos, nonada os  
contentam  
nem Coca-Cola, Sá de Miranda, Led Zeppelin,  
51 ou Castiglione  
Se trazem pescado ou carne dão de graça, e se  
damos mercadoria não folgamos,  
mostramos quanto trazemos, não se espantam  
nem com artilharia,  
senão suspiram sempre e nunca fazem modo  
senão de tristeza,  
nem me parece que folgamos com outra coisa

**CORPO MÍSTICO**

**José de Anchieta (1534-1597), carta Ao Padre Geral, de São Vicente, ao último de maio de 1560**

Que direi das aranhas?  
De sua multidão  
ninguém dá conta,  
de sua mordedura

Umás tantas ruivas,  
outras quantas loiras,  
muitas cor da terra,  
umas bem aradas,  
outras vêm pintadas,  
todas cabeludas  
As bairas de corpo,  
carne, caranguejas,  
só de ver venenam:  
horríveis na vista,  
mais lindas no beijo  
Algumas mau cheiram:  
frias por feitio,  
tacadas em casa

Que direi dos tataranas?  
De sua multidão  
ninguém dá conta,  
de sua queimadura

Semelham centopeias,  
pelos de toda cor,  
de compridos e pretos,  
leves ou fornidos,  
de cabeça vermelho  
Libido-peçonhentos,  
se tocam nalgum corpo  
a dor que dura horas,  
incham-se de tal modo  
que são feios de ver  
Perseguem tataranas,  
encarniçadamente,  
carregam a seus cafofos  
onde as comem, à farta

**LOOPING LÚMPEN**

**Pero de Magalhães Gandavo (1540-1580), “Dos costumes da terra”, Tratado da terra do Brasil (1570)**

As pessoas que no Brasil querem viver e fazer dinheiro,  
por pobres que cheguem,  
rapidinho têm remédio para sua sustentação,  
basta alcançarem dois pares ou meia dúzia de escravos,  
que bem pode custar um por outro até um salário mínimo

Porque uns lhe pescam e caçam,  
outros lhe fazem mantimentos e fazenda,  
uns lambem sua casa, cama e cambanje,  
outros lavam seu filho infante e seu pai demente,  
e assim pouco a pouco enriquece o homem e vive honradamente nesta terra com mais descanso e ar condicionado

Os moradores destas Capitánias tratam-se muito bem  
e são mais largos que a gente de Portugal,  
assim no comer como no vestir de seus condôminos,  
e folgam de ajudar uns aos outro  
e praticar a responsabilidade social com seus escravos,  
e favorecer a brancura  
que vem desfrutar este Éden Terreal

**MÃE BRASIL**

**Fernão Cardim (1549-1625), “Da Criação dos filhos”, *Do Princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias* (1601)**

A mulher quando pare é no chão  
e algum compadre levanta a criança  
O pai corta a vide no dente ou na pedrada  
e até que não lhe caia o umbigo não deixam  
o jejum  
de ordinário até oito dias  
Se é macho o pai ata um arco-e-flecha num  
punho da rede  
noutro certos molhos de ervas  
são os contrários que seu filho há de matar e  
comer  
Finda tais cerimonias muito vinho alegria a  
todos

Ê, morena, quem temperou a cor de canela?

A mulher quando pare se vai lavar no rio,  
e dá de mamar ao filho ano e meio sem lhe dar  
outro de comer  
Ama o filho extraordinariamente  
e o leva em tipoia às roças, a todo serviço, às  
costas,  
e por frios e calmas os traz enganchado no  
quadril,  
e não lhe dá nenhum castigo  
Para o filho não chorar tem agouros de sobra,  
põe algodão, pena e pau sobre a cabeça,  
deita-o sobre as palmas das mãos num carinho  
que faz crescer

Estima mais fazer bem ao filho que a si própria

**ENGENHO**

**Ambrósio Fernandes Brandão (1555-1630), “Diálogo III”, *Diálogos das grandezas do Brasil* (1618)**

Muitos moem feito boi, trapaças,  
moem a palavra por certa invenção de rodas  
de citação e colagem, para todo efeito  
açúcar

Alguns moem feito água, represas,  
moem a língua nos eixos de cor e cabeça,  
espremem o bagaço na caldeira de cobre  
onde se alimpa, coze e apura  
à força de fogo

Poucos moem feito motor, cilindradas,  
moem a poesia em três rolos de aço  
– engenho, agudeza, samba 'n roll –,  
refundem a velha máquina,  
o quê de bois e de águas,  
o cristal cachaça

**ANAL À INGLESA**

**Vicente do Salvador (1564-1639), “Capítulo XIX – De três naus inglesas que neste tempo vieram à Bahia”, Livro IV, *História do Brasil* (1627)**

Os ingleses não se atreveram entrar na cidade,  
contentaram de barlaventear na baía  
languíssima e funda,  
mandaram as lanchas à pilhagem

O Bispo detinha os homens e deixava sair as  
mulheres  
Porque muitos entre elas vazassem em manto  
mulheril,  
Marielle a cavalo, com lança e adarga, ia  
repreendendo  
os cagalhões que fugiam

Cristóvão Barros, de volta do recôncavo,  
ordenou o contra-ataque  
com uma armada de cinco barcas  
Combateram e houve mortos e feridos de  
parte a parte

Antônio Caapara e demais portugueses com  
muito gentio  
os fizeram embarcar com morte  
No mar tomaram um batel  
com quatro piratas remando e mataram três

Visto o pouco ganho que tinham, levantaram  
âncora  
para fazer aguarda  
Mas Caapara nem isso deixou e matou oito  
e trouxe as cabeças aos governadores

E assim deram de ré os ingleses a sua ilhota  
sempre ouvindo o Queen

#### **EVOÉ, MERCADO DA FÉ!**

**Antônio Vieira (1608-1697), *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda (1640)***

Senhor, despejados os Templos e derrubados  
os Altares,  
acabará no Brasil a Cristandade,  
acabará o culto divino,  
crescerá o gramado ornamental nas Igrejas  
convertidas em shoppings da Fé,  
passará o dia de Natal sem memória do seu  
Nascimento,  
passará a Quaresma e a Semana Santa  
sem a celebração da sua Paixão.

Chorarão até as pedras das ruas  
enquanto os miseráveis receberão o Diabo  
pelo celular,  
não haverá Missa, Procissão, Sacerdote, nem  
Coach  
que alerte os clientes do pecado, os usuários  
da perdição  
Pregarão Heresias nestes nossos púlpitos,  
e em lugar de São Jerônimo e Santo Agostinho,  
o infame Pastor, o concupiscente Padre, o  
ladrão de Deus

Beberão a falsa doutrina os inocentes que  
sobrarem,  
consumirão suas culpas em crediários,  
prosperará a conta do Inferno no Twitter

Para que rasgamos os mares nunca dantes  
navegados, Senhor?  
Para entregarmos o rebanho ao algoritmo do  
Lobo alígero?

Ou para seguir o ralentado ritmo do Plano  
Divino?

#### **AO NÉSCIO QUE DESGOVERNA**

**Félix Xavier (16??-17??), *Oração acadêmica em que se discute esta questão curiosa: qual foi o mais ilustre descobrimento do Brasil: o primeiro, em que nele se introduziram as armas Portuguesas, ou o segundo, em que nele se descobriram os tesouros das Academias? (1724)***

Feliz Império em que se desvelaram os  
Soberanos com as Letras

Por incompetência tua se perde hoje a mais  
nobre parte dos Brasil,  
onde se gastam muitas horas do dia e da noite  
com o louvável exercício das Academias,  
com o acender das luzes da Sabedoria  
que, aqui, salva uma alma indigente e, ali, um  
corpo enfermo

Enquanto Alexandre tinha a Iliada por  
travesseiro,  
dormia seguro o Reino da Macedônia,  
semelhante garantia não pode prometer ao  
Brasil  
o néscio que o desgoverna:  
entre um estrondo militar e uma desmedida  
política,  
desbarata a Ciência e a Poesia

O ócio do Conhecimento já é um bom  
negócio, alerta São Bernardo

Não há padrão mais seguro, para espalhar a  
fama, que a História,  
que numa só língua sabe publicar  
o sucesso das Armas, desde que prudentes,  
e o feito das Letras, desde que discretas

Brincar de tiro ao alvo não granjeia novas  
terras nem patentes,  
dedos que correm digitar antes de pensar,  
tampouco

Pois deixe de ser otário, de falar de cu  
e vai descobrir o grau de sua lorpice,  
que merece estudo ou bala,  
que carece de um empalamento  
com lápis de Itu

**QUILOMBULLYNG**

**Sebastião da Rocha Pita (1660-1738), “Livro VIII”, *História da América Portuguesa* (1730)**

E estimando mais a liberdade entre as feras  
que a sujeição entre os homens,  
elegiam por seu príncipe  
um dos varões mais justos e alentados: Zumbi

E tinham esta superioridade eletiva,  
que durava por toda a vida,  
os negros, mulatos e mestiços que procediam  
reto  
no valor e na experiência

E não se conta que se matassem  
pela ambição do domínio e do trono,  
correndo todos ao eleito com obediência e  
união,  
que é por onde se sustenta um império

E tinham magistrados de justiça e milícia por  
suas terras,  
o homicídio, o adultério e o roubo  
eram delitos castigados  
com a pena capital

E concediam viver em liberdade ao escravo  
que por vontade colava no Quilombo,  
seguia cativo e podia ser vendido  
o mano tomado à força

E o volume e as ordenações de seus estatutos  
e leis  
eram suas memórias e tradições,  
seus cantos em orações e raps de pai para  
filho,  
conservando no temor a aparente justiça

E não podiam remediar os governadores de  
Pernambuco  
a calamidade com a opressão dos Palmares,  
– o preto aqui não tem dó é cem por cento  
veneno –  
que requeria descomunal empresa

Até que pagaram seis mil bandeirantes da  
Rota e do Bope  
contra dez mil moradores,  
composto o exército com pompa, crucifixo,  
bomba e cobertura de TV,  
o assédio perfurou o corpo inteiro da cidade

Mas Zumbi subiu às nuvens com os mais  
esforçados guerreiros  
a fabricar, com trovões, o destemor a sua  
gente,  
que não amava a vida na escravidão  
e não a perdeu aos nossos golpes

**REFERÊNCIAS**

ANCHIETA, José de. Ao Padre Geral, de S. Vicente, ao último de maio de 1560. In: **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões**. Estudos Afrânio Peixoto, J. Capistrano de Abreu e Antônio de Alcântara Machado. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1988.

ANDRADE, Mário de. As danças dramáticas no Brasil [1934-1944]. In: **Danças dramáticas do Brasil**, tomo I. Organização e notas Oneyda Alvarenga. Belo Horizonte/Brasília: Editora Itatiaia/Instituto Nacional do Livro, 1982.

ANDRADE, Oswald de. Pau-Brasil [1925]. In: **Cadernos de poesia do aluno Oswald** (Poesias reunidas). Prefácio e organização Haroldo de Campos. São Paulo: Círculo do Livro/Civilização Brasileira, 1981.

ANIMA. **Espiral do tempo**. Prefácio Ivan Vilela, Valéria Bittar e Rubem Alves. Campinas, SP/Rio de Janeiro: Anima/Sony Music Entertainment, 1997.

BACO EXU DO BLUES. **Bluesman**. São Paulo: Selo EAEO Records, 2018.

BAPTISTA, Josely Vianna. **Roça barroca**. Prefácio Augusto Roa Bastos. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BERIO, Luciano. Visage [1961]. In: BERIO, Luciano; MADERNA, Bruno. **Acousmatrix - The History of Electronic Music VII**. Amsterdam: BV Haast, 2002.

BRANDÃO, Ambrósio Ferreira. Diálogo III. In: **Diálogos das grandezas do Brasil** [1618]. Estudos Afrânio Peixoto e J. Capistrano de Abreu. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

CARETTA, Álvaro Antônio. **Estudo dialógico-discursivo da canção brasileira**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2013.

CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes. **Poesia de agudeza em Portugal**. São Paulo: Humanitas Editorial/Edusp/Fapesp, 2007.

CASALDÁLIGA, Pedro; TIERRA, Pedro; COPLAS, Martin; ANDUJAR, Cláudia. **Missa da terra sem males**. Rio de Janeiro: Tempo e Presença Editora, 1980.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, Vol. I** [1959]. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

- CARDIM, Fernão. Do Princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias. In: **Tratados da terra e gente do Brasil** [1583-1601]. Introdução e notas Ana Maria de Azevedo. São Paulo: Hedra, 2009.
- CATALÃO, Marco. **O Cânone acidental**. Prefácio Érico Nogueira. São Paulo: É Realizações, 2009.
- CORDEL DO FOGO ENCANTADO. **O Palhaço do circo sem futuro**. São Paulo: Independente, 2002.
- FONTES, Joaquim Brasil. **As obrigatórias metáforas**: apontamentos sobre literatura e ensino. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- FRANCHETTI, Paulo. História literária: um gênero em crise. **SEMEAR**: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de estudos portugueses. Rio de Janeiro, n. 7, 2002.
- GANDAVO, Pero de Magalhães. Dos Costumes da terra. In: **Tratado da terra do Brasil** [1570] e **História da Província Santa Cruz** [1576]. Introdução J. Capistrano de Abreu. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980.
- HANSEN, João Adolfo. A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII [1988]. Cotia SP/Campinas SP: Ateliê Editorial/Editora da Unicamp, 2004.
- ITO, Paulo. Última ceia. Halle, Alemanha, 2014.
- LCHAT, Marcelo. Como se narra a *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador. **Revista Letras**, Santa Maria, Especial, n. 1, p. 59-88, 2019.
- MAGALHÃES, Gonçalves de. Sobre a história da literatura do Brasil. In: **Niterói** – Revista Brasiliense, no. 1. Paris: Dauvin et Fontaine Libraires, 1836.
- MARQUES, Pedro. **Clusters**. Prefácio Ledo Ivo, posfácio Caio Gagliardi. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.
- \_\_\_\_\_. Dois Saques. **eLyra** – Revista da Rede Internacional Lyra-compoetics. Porto, no. 9, jun. 2017.
- \_\_\_\_\_. Poética da sacada: do corpo ao caco contemporâneo. **Revista do Centro de Estudos Portugueses** (UFMG), v. 34, 2014.
- \_\_\_\_\_. Três Saques. **Escamandro**: poesia tradução crítica. Curitiba, 05jan.2018.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. De Sons de poetas ou estudando fonologia através da poesia. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, no. 5, jul./dez., 1998.
- MATTOSO, Glauco. **Poesia digesta (1974-2004)**. Prefácio Pedro Ulysses Campos. São Paulo: Landy Editora, 2004.
- NASCIMENTO, Milton; CASALDÁLIGA, Pedro; TIERRA, Pedro. **Missa dos quilombos**. Rio de Janeiro: Ariola/Nascimento, 1980.
- NOGUEIRA, Érico. **Poesia bovina**. Prefácio Marcelo Tápia. São Paulo: É Realizações, 2014.
- PÉCORA, Alcir. **Máquina de gêneros**. São Paulo: Edusp, 2001.
- PENA BRANCA E XAVANTINHO. **Cio da terra**. São Bernardo, SP: Continental, 1987.
- PITA, Sebastião da Rocha. Livro VII. In: **História da América Portuguesa** [1730]. Prefácio e notas Pedro Calmon. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1976.
- RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.
- RATOS DE PORÃO. **Brasil**. São Paulo: Estúdio Eldorado, 1989.
- RATTON, Helvécio. **Em nome da razão**. Belo Horizonte: Grupo Novo de Cinema, 1979.
- RICARDO, Cassiano. **Matim Cererê**: o Brasil dos meninos, dos poetas e dos heróis [1928]. Ilustrações de Tarsila do Amaral. São Paulo: Edição Saraiva, 1962.
- SALVADOR, Vicente do. Livro IV – De Três naus inglesas que neste tempo vieram à Bahia. In: **História do Brasil** [1627]. Estudos Aureliano Leite, Rodolfo Garcia, Frei Venâncio Willeke e J. Capistrano de Abreu. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1982.
- SAPIR, Edward. Os Fundamentos musicais do verso [1921]. In: **Linguística como ciência**: ensaios. Seleção, tradução e notas J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.
- SCHAFER, Murray. Quando as palavras cantam. In: **O ouvido pensante** [1986]. Tradução Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.
- SEPULTURA. **Schizophrenia**. Belo Horizonte: Cogumelo Records, 1987.
- SOUSA, Pero Lopes de. Quinta-feira 26 de dezembro de 1531. In: **Diário da navegação** [1530-1532]. Introdução J. P. Leite Cordeiro. Notas Eugênio de Castro. São Paulo: Obelisco, 1964.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. **História da literatura**: trajetória, fundamentos, problemas. São Paulo: É Realizações, 2014.
- TATIT, Luiz. **O cancionista**: composição de canções no Brasil. São Paulo: Edusp, 1996.
- TORRES, Milton. **No fim das terras**. Prefácio Leopoldo Bernucci, posfácio Ivan Teixeira. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- VIEIRA, Antônio. Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda [1640]. In: **Sermões**, vol. 1. Organização, introdução e notas Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000.
- XAVIER, Félix. Oração acadêmica em que se discute esta questão curiosa: qual foi o mais ilustre descobrimento do Brasil: o primeiro, em que nele se introduziram as armas Portuguesas, ou o segundo, em que nele se descobriram os tesouros das Aca-

mias? [1724]. In: CASTELLO, José Aderaldo (Org.). **O movimento academicista no Brasil: 1641-1820/1822** – Vol. I – Tomo 4. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971.

## O AUTOR

**Pedro Marques** é Poeta, compositor, ensaísta. Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Livros: *Antologia da Poesia Parnasiana Brasileira* (crítica e organização, 2007), *Manuel Bandeira e a Música* (ensaio, 2008), *Clusters* (poesia, 2010), *Olegário Mariano – Série Essencial da ABL* (crítica e organização, 2012) e *Cena Absurdo* (poesia, 2016).